



Fonte : IBGE E FGV

Observações: (*) Estimativa prevista no acordo firmado entre o governo e o FMI.

(**) Previsão do professor José Márcio Camargo (PUC-RJ).

(*** A pesquisa Mensal de emprego (IBGE) começou a ser calculada em 1983)

Crescimento chegou a 10% nos anos 70

33

A “década perdida”, como ficaram conhecidos os anos oitenta, registrou um crescimento bem menor do que a média de 10% ao ano apurada no chamado “milagre brasileiro”, entre 1967 a 1973. Fatores internacionais, como a elevação dos juros nos Estados Unidos, provocada pelo choque do petróleo, foram determinantes para explicar o desempenho mais tímido da economia naquele período.

Em 1979, o banco central norte-americano (Fed) começou a elevar fortemente os juros, pois não desejava que o aumento do preço do petróleo provocasse uma grande inflação. A taxa média subiu, em 24 meses, de 12,7% para 18,7% em 1981. Com essa medida, o Brasil foi atingido de duas formas: uma delas foi o crescimento abrupto da dívida externa, contraída na década de 70 para ampliar investimentos industriais, especialmente nos setores petroquímico e de extração mineral.

“A alta dependência energética também aumentou muito as despesas internacionais do país. As contas nacionais ficaram muito pressionadas e logo vieram os déficits comerciais”, comenta Ricardo Carneiro, diretor do Centro de Estudos de Conjuntura da Unicamp.

O choque do petróleo impôs ao Brasil a necessidade de aumentar as exportações com rapidez. Por isso, o então ministro do Planejamento, Delfim Netto, desvalorizou o câmbio em 30%, por duas vezes: dezembro de 1979 e fevereiro de 1983.

Entre 1979 e 1982, as importações superaram as exportações em US\$ 3,6 bilhões. Em 1983, as mudanças no câmbio começaram a provocar bons resultados. O País teve naquele ano um saldo positivo de US\$ 6,4 bilhões, inaugurando uma era de grandes superávits: o Brasil registrou em 1988, por exemplo, uma ba-

lança comercial de US\$ 19,1 bilhões.

A década de 80 foi marcada por alto custo de vida e níveis baixos de desemprego. Para o professor Ricardo Carneiro, o crescimento crônico do custo de vida começou em 1980, quando a inflação chegou a 110% ao ano e superou a meta estabelecida pelo governo.

A indexação dos preços aos salários não permitiu que a inflação caísse. Ao contrário — ao longo dos anos, o custo de vida aumentava com mais vigor. “Esse processo era alimentado por aqueles que podiam reajustar os preços das mercadorias ou comprar títulos no mercado financeiro”, comenta Carneiro.

Em 1986, o governo implementa o Plano Cruzado, baseado no congelamento dos preços, câmbio e salários. Em nove meses, contudo, o custo de vida voltou a subir. “O consumo gerado nesse ano aumentou muito o volu-

me de importações. O país ficou sem reservas e declarou moratória no ano seguinte”, comenta Carneiro. “Daí em diante, o custo de vida ficou sem controle até o final do governo Sarney. A taxa chegou a 1.783% em 1989”, afirma o professor da Unicamp.(RL)